

Tirando o pó das *Brazilian Antiquities*: Charles Frederick Hartt relido por Anna Roosevelt

*Taking the dust off the Brazilian Antiquities:
Charles Frederick Hartt re-read by Anna Roosevelt*

DANIELA KERN

Doutora em Letras (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFRGS)

PhD in Letters (PUCRS). Professor at the Graduate Program of Visual Arts (UFRGS)

RESUMO Após apresentar as linhas gerais da atuação do geólogo canadense Charles Frederick Hartt (1840-1878) como arqueólogo no Brasil, o presente artigo se concentra na discussão da problemática recepção inicial, sobretudo por parte de arqueólogos e antropólogos americanos, de algumas de suas teorias acerca da arqueologia indígena brasileira. Trata, a seguir, da recente releitura de suas anotações e textos sobre o tema, empreendida pela arqueóloga americana Anna Roosevelt, em uma tentativa de recuperar o valor das “velhas coleções” para a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE Charles Frederick Hartt, Anna Roosevelt, arqueologia, historiografia da arte indígena brasileira.

ABSTRACT After presenting the outline of the actions of the Canadian geologist Charles Frederick Hartt (1840-1878) as an archaeologist in Brazil, this article focuses on the discussion about the early problematic reception, especially by American archaeologists and anthropologists, of some of his theories on Brazilian Indian archaeology. It debates then the recent rereading of Hartt’s notes and texts on the subject conducted by the American archaeologist Anna Roosevelt as an attempt to recover the research value of the “old collections”.

KEYWORDS Charles Frederick Hartt; Anna Roosevelt; archaeology; Brazilian Indian art historiography.

O arqueólogo clássico Paul Courbin, em *What is archaeology?* – livro originalmente publicado em 1982, na França, e que iria gerar polêmica quando publicado nos Estados Unidos, em 1988 –, levanta argumentos para rebater os pontos de vista e as proposições dos *New Archaeologists* americanos acerca da natureza do estatuto científico da arqueologia. Em primeiro lugar, procura definir a natureza da própria prática arqueológica: o arqueólogo é aquele que estabelece ou reestabelece fatos.¹ Ele deve ser capaz de bem conduzir uma escavação e de levar a cabo as análises de seus achados (restos de animais, plantas, ossos, cacos de cerâmica etc.). Os fatos, conforme já foi dito, são a base de qualquer construção teórica, e é extremamente difícil estabelecê-los. Para tanto, é preciso uma série de talentos, tais como capacidade intelectual e de observação, competência, cuidado e atenção, qualidades que possibilitarão, por exemplo, a avaliação da natureza e da origem dos diferentes materiais localizados (pedra, mármore, argila, ossos, marfim etc.).

Tais definições geram polêmica, porque para os *New Archaeologists*, correspondem a uma “história natural no sentido do século dezenove”.² Os arqueólogos do século dezenove é que se preocupavam com o estabelecimento de fatos; além disso, não desenvolveram um método adequado para a formação de coleções objetivas e neutras, nas quais os fatos falassem “por si mesmos”.

Courbin, em contraposição, vê essa arqueologia tradicional sob outra ótica. Se, por um lado, os *New Archaeologists* empreendiam suas pesquisas a partir de perguntas bastante específicas, deixando de lado o que não as respondesse, por outro, aqueles arqueólogos tradicionais apresentavam uma abordagem mais flexível: tudo o que podia ter interesse era preservado, independentemente de se encaixar ou não na hipótese inicial de trabalho; se a hipótese inicial fosse desafiada pelo material encontrado, deveria ser modificada.

Debates teóricos como esse entre Courbin e os *New Archaeologists* se tornam comuns na trajetória disciplinar da arqueologia ao longo do século XX e têm consequências bastante concretas no estabelecimento da credibilidade das fontes – por conta destes debates, os arqueólogos do século XIX podem ser expurgados

The classical archaeologist Paul Courbin, in *What is archaeology*, a french book originally published in 1982, and that would make a storm in 1988, when published in United States, presents arguments to refute *New Archaeologists*'s points of view and propositions on the nature of the scientific status of archaeology. At the first place, he tries to define the very nature of archaeological practice: the archaeologist is someone that establishes or reestablishes facts.¹ He must be capable of well conduct an excavation and the analysis of his findings (remains of animals, plants, bones, ceramic fragments, etc.). The facts, as already said, are the basis for any theoretical construction, and it is often too hard to establish them. For this, it is necessary to have many talents, like intellectual and observational capacity, care and attention, qualities that would make possible, by example, to evaluate the nature and origin of the different material found (stone, marble, plaster, bones, ivory, etc.).

These definitions are polemical because, for *New Archaeologists*, they correspond to a “natural history in the sense of 19th century”.² The establishment of facts was a preoccupation for the 19th century archaeologists; besides that, they don't had developed an appropriate method to the formation of neutral and objective collections, in which the facts speak “for themselves”.

Courbin, in opposition, sees the traditional archaeology under another point of view. If on the one hand the *New Archaeologists* conducted their researches based on very specific questions, considering only the findings that respond to it, on the other the traditional archaeologists presented a more flexible approach: all that could interest is preserved, agreeing or not with the main work hypothesis; if the initial hypothesis is challenged by the new found material, it should be modified.

Theoretical debates like that between Courbin and *New Archaeologists* had become common in the disciplinary trajectory of archaeology throughout the 20th century, having very concrete consequences for the establishment of the sources' credibility – because of them the 19th century archaeologists could be expelled off (the most frequent)

¹ COURBIN, Paul. What is Archaeology?. In: _____. *What is Archaeology?* An essay on the nature of archaeological research. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1988, p. 111.

² COURBIN, Paul. Op. cit., p. 113. Todas as traduções dos textos originalmente em inglês foram realizadas pela autora.

¹ COURBIN, Paul. “What is Archaeology?” In: _____. *What is Archaeology?* An essay on the nature of archaeological research. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1988, p. 111.

² COURBIN, 1988, p. 113.

or, eventually, rehabilitated in the academic and scientific milieu.

The Canadian professional geologist and amateur archaeologist Charles Frederick Hartt (1840-1878), that have made researches in Brazil between 1865 and 1878, is, at the same time, depending on the chosen angle, a good example of the traditional archaeology careful capacity to determine facts, as imagined by Courbin, and of the theoretical and technical deficit of the 19th century amateurs, rejected by the *New Archaeologists*. As occurred with many others contemporaries researchers, Charles Hartt's legacy suffered strong credibility oscillations since the early archaeologist's death, in 1878. In this paper we will consider that unstable reception, and especially the rescue of the researcher's work conducted by the American archaeologist Anna Roosevelt since the beginning of the eighties.

Charles Frederick Hartt: from geologist to archaeologist

Charles Hartt, as already mentioned, was geologist by formation. He has studied in the Acadia College, New Brunswick, and after in Cambridge, for three years, under the direction of Louis Agassiz, at that time one of the most important scientist working in United States. Charles Darwin's evolutionary ideas are coming to the country, especially through the intense support of Asa Gray. The polygenist Agassiz, yet maintaining a cordial correspondence with Darwin, radically disagreed with his theory. Agassiz don't believed in evolution, and was determined to seek evidence for it in South America, as did Darwin in his famous voyage of the Beagle. Agassiz has researched the glaciations in Switzerland and intended to study, on an expedition, the action of glaciers in Brazil, to confirm its primary hypothesis, the presence of "*drifts* in the geological configuration of Brazil".³ In this way is organized the Thayer Expedition, sponsored by Nathaniel Thayer, from Boston, that explore Brazil between 1865 and 1866. The young geologist Charles Hartt is one of the scientists called to collaborate with the search for evidences against Darwin's evolution. The Expedition has found a wide material for research in many branches of science, but Agassiz's hypothesis, in practice, has been proven erroneous.

³ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001, p. 59.

(o mais comum) ou, eventualmente, reabilitados no meio acadêmico e científico.

O geólogo profissional e arqueólogo amador canadense Charles Frederick Hartt (1840-1878), que realizou pesquisas no Brasil entre 1865 e 1878, é, ao mesmo tempo, dependendo do ângulo de análise escolhido, um bom exemplo da cuidadosa capacidade de determinar fatos da arqueologia tradicional, tal qual imaginada por Courbin, e da defasagem teórica e técnica dos amadores do século XIX, rejeitada pelos *New Archaeologists*. Como ocorreu com tantos outros de seus contemporâneos de pesquisa, o legado de Charles Hartt sofreu fortes oscilações de credibilidade a partir da sua precoce morte, em 1878. É essa recepção instável e, particularmente, o resgate da obra do pesquisador conduzido pela arqueóloga americana Anna Roosevelt, a partir do início dos anos 1980, que nos interessa considerar no presente artigo.

Charles Frederick Hartt: de geólogo a arqueólogo

Charles Hartt era geólogo de formação. Estudou em New Brunswick, no Acadia College, e depois em Cambridge, durante três anos, sob a orientação de Louis Agassiz, então um dos mais renomados cientistas em atuação nos Estados Unidos. As ideias evolucionistas de Charles Darwin estavam chegando ao país, em especial através da divulgação de Asa Gray. Agassiz, poligenista, ainda que mantivesse uma correspondência cordial com Darwin, discordava radicalmente de sua teoria. Para Agassiz, não havia evolução, e estava decidido a buscar provas na América do Sul, assim como fizera Darwin na famosa viagem no Beagle. Agassiz pesquisara as glaciações na Suíça e se propôs a estudar, em uma expedição, a ação das geleiras no Brasil, para confirmar sua principal hipótese: a presença dos "*drifts* na conformação geológica brasileira".³ Assim, é organizada a Expedição Thayer, financiada por Nathaniel Thayer, de Boston, que percorre o Brasil entre 1865 e 1866. O jovem geólogo Charles Hartt é um dos cientistas chamados a colaborar na busca de provas contra a evolução de Darwin. A expedição arrecadou um farto material para pesquisa em vários ramos da ciência, mas a hipótese de Agassiz, na prática, se mostrou um equívoco.

De todo modo, Hartt ficou encantado com as possibilidades de pesquisa que vislumbrou no Brasil. O grupo de Agassiz

³ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001, p. 59.

explorou a serra do Ererê, em Monte Alegre, no Pará, com a orientação do Major Coutinho, que conhecia muito bem a região. Hartt, com mais tempo livre, pois fora encarregado de uma área com poucos fósseis, passou a se interessar também pelos achados de arqueologia indígena e por estudos etnológicos e linguísticos (haveria de estudar a língua dos botocudos e o tupi, pois desejava escrever gramáticas de ambas).

Hartt volta aos Estados Unidos e começa a planejar nova viagem ao Brasil. Angaria os fundos necessários – o momento é propício, pois com o final da Guerra da Secessão, as revistas científicas se multiplicam e há grande demanda por novas notícias na área – e em 1867, passa os três meses de suas férias em Abrolhos, viagem que narra nos artigos publicados no *American Naturalist*, entre 1867 e 1868: *A vacation trip in Brazil*, *A naturalist in Brazil* e *The cruise of Abrolhos*.

Nesse mesmo período (1868-1869), é inaugurada a Cornell University, em Ithaca, estado de Nova York. Em outubro de 1868, Hartt é chamado a ocupar o cargo de primeiro professor residente de geologia geral, econômica e agrícola em Cornell. Ele foi escolhido por influência de Agassiz, e não era a primeira opção para o cargo.

Em 1870, Hartt publica o aguardado livro com os resultados da Expedição Thayer, *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. Na *Prefatory Note*, Hartt resume a expedição e também elogia a experiência que teve no Brasil:

A hospitalidade com a qual fui em toda a parte recebido no Brasil, e o auxílio que recebi onde quer que fosse perseguindo meus estudos do país, fizeram-me amar a terra do Sabiá, e é meu mais sincero desejo, em reconhecimento a tanta gentileza, ser, em algum humilde grau, instrumental para a remoção das falsas impressões tão comuns sobre o Brasil, e tornar os recursos do Império melhor conhecidos na América.⁴

Hartt, que viera ao Brasil pela primeira vez para comprovar as teses de Agassiz, em vários trechos do livro expressa suas divergências com relação ao mestre. Assim, quando se trata da datação da formação brasileira, por exemplo, Agassiz indica o

Hartt, however, was enchanted with the research possibilities that he glimpsed in Brazil. Agassiz's group explored the Serra do Ererê in Monte Alegre, Pará, with the guidance of Major Coutinho, who very well knew the area. Hartt, with more free time, in view of that he was responsible for an area with few fossils, also became interested by the findings of indigenous archaeology and by ethnological and linguistic studies (in the future he would study Botocudos' language and Tupi, because he wanted to write grammars of both).

Hartt comes back to United States and begin to plan a new journey to Brazil. He has collected the necessary funds – the time is favorable, with the end of the Civil War scientific journals multiply and there is great demand for new events in this area. In 1867 he spends his three months of vacation in Abrolhos, a trip narrated by him in some articles published at *American Naturalist* between 1867 and 1868, *A vacation trip in Brazil*, *A naturalist in Brazil* and *The cruise of Abrolhos*.

In the same period (1868-1869) is inaugurated the Cornell University in Ithaca, New York. In October 1868 Hartt is called to fill the position of the first resident professor of general geology, economics and agriculture at Cornell. He was chosen by influence of Agassiz, and was not the first choice for the job.

In 1870 Hartt publishes the long awaited book with the results of the Thayer Expedition, *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. In the *Prefatory Note* Hartt resumed the expedition and also praises the experience that he had in Brazil:

The hospitality with which I was everywhere received in Brazil, and the assistance offered me wherever I went in the prosecution of my studies of the country, have made me Love the land of the *Sabiá*, and it is my sincerest wish in acknowledgment of so much kindness to be to some humble degree instrumental in removing false impressions so current about Brazil, and to make the resources of the Empire better know in America.⁴

Hartt, who came to Brazil for the first time to corroborate Agassiz's thesis, in various parts of the book express his differences of opinion with respect

⁴ AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. Boston: Fields, Osgood & Co.; London: Trübner & Co., 1870, p. IV.

⁴ AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. *Scientific results of a journey in Brazil and Geology and physical geography of Brazil*. Boston: Fields, Osgood & Co.; London: Trübner & Co., 1870, p. IV.

to the master. So when it comes to the dating of the Brazilian formation, for example, Agassiz indicates the end of Triassic and Hartt a much more recent period, the end of the Tertiary (which at that time was still an official geological period). Hartt, even so, seeks to present the criticism in a conciliatory tone:

It is with much hesitation that I express an opinion at variance with so distinguished an authority as Professor Agassiz; but the facts have seemed to need a different interpretation from that he was given them. My conclusions, after all, do not affect his theory of the former existence of Glaciers under the tropics, down to the present level of the sea – a theory which I hold as firmly as he.⁵

As an attachment to the book Hartt publishes the results of ethnological research on Botocudos that he undertook on his voyage of 1867. His point of view will be often poorly understood later. Hartt measures skulls and seeks to understand the racial constitution of the Botocudos, but he is not really a racist. He notes the ills of the surviving tribe (the violence against women by husbands, to which Hartt is particularly sensitive) and did not in any way sympathize with those who pursue them, as is evident from the following passage:

These Indians used to be very numerous at São Mateus, living in the forests even quite close to the sea; but they have been so killed off that at present none are found in the vicinity except on the headwaters of the river. They were hunted down by the Portuguese settlers like wild beasts, and one gentleman told me at -----, that during his life he had, either with his own hand or at his command, been the means of putting to death by knife and gun and poison over a thousand of these poor creatures! The injuries committed by the Botocudos on the whites are as nothing compared with the wrongs inflicted upon them by those who have dispossessed them of their home, and have almost destroyed the race.⁶

Hartt is devoted, from that period, to a series of readings of authors with an anti-racist position. He reads the Danish archaeologists (Thomsen, Worsaae), and also Squier and Davis's *Ancient Monuments of the authors of the Mississippi Valley* (1848), the first volume published by the Smithsonian Institution – Hartt also read Squier's book on Nicaragua. Squier,

triássico, e Hartt, um período muitíssimo mais recente, o final do terciário (que, naquela época, ainda era um período geológico oficial). Mesmo assim, Hartt procura apresentar as críticas em um tom conciliador:

É com muita hesitação que posso expressar uma opinião diferente daquela de uma autoridade tão distinta como o Professor Agassiz; mas os fatos parecem necessitar de uma interpretação diferente daquela que ele ofereceu a eles. Minhas conclusões, afinal de contas, não afetam sua teoria da antiga existência dos Glaciares nos trópicos, abaixo do atual nível do mar, – uma teoria que sustento tão firmemente quanto ele.⁵

Como anexo ao livro, Hartt publica os resultados das pesquisas etnológicas sobre os botocudos que empreendeu em sua viagem de 1867. O ponto de vista de Hartt será muitas vezes mal compreendido. Ele mede crânios e procura entender a constituição racial dos botocudos, mas não é verdadeiramente um racista. Observa as mazelas das tribos sobreviventes (a violência contra a mulher por parte do marido, à qual é particularmente sensível) e não direciona, de modo algum, sua simpatia àqueles que os perseguem, como fica evidente na seguinte passagem:

Esses índios costumavam ser muito numerosos em São Mateus, vivendo em florestas muito próximas ao mar; mas eles foram de tal modo assassinados que atualmente nenhum é encontrado na vizinhança, exceto na cabeceira do rio. Eles são caçados pelos colonos portugueses como bestas selvagens, e um cavalheiro me disse em -----, que durante sua vida ele, seja com sua própria mão ou a seu comando, teve a oportunidade de matar com faca e arma de fogo e veneno cerca de mil dessas pobre criaturas! Os danos causados pelos Botocudos aos brancos nada são quando comparados com os males infligidos a eles por aqueles que os expulsaram de suas casas, e que quase destruíram a raça.⁶

Hartt dedica-se, a partir desse período, a uma série de leituras de autores que têm posição antirracista. Ele lê os arqueólogos dinamarqueses (Thomsen, Worsaae), e também Squier e Davis, autores de *Ancient Monuments of the Mississippi Valley* (1848) – primeiro volume publicado pela Smithsonian Institution –, além do livro de Squier sobre a Nicarágua. Segundo Trigger, Squier

⁵ AGASSIZ; HARTT, 1870, p. 493.

⁶ AGASSIZ; HARTT, 1870, p. 601.

⁵ AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles F. Op. cit., p. 493.

⁶ AGASSIZ, Louis; HARTT, Charles Frederick. Op. cit., p. 601.

acreditava em noções que já começavam a sair de moda, como o evolucionismo linear e a unidade psíquica (de onde se conclui que todos têm a mesma alma, independentemente de raça).⁷

Hartt lia ainda George Catlin (1796-1872), pintor e etnólogo americano que se impôs a tarefa de, a partir de 1830, atravessar a América do Norte a fim de registrar os hábitos das diferentes etnias indígenas do território. Sua *Indian Gallery*, com cerca de 500 retratos a óleo de índios americanos, fez muito sucesso em Paris e Londres na metade da década de 1840, tendo entre seus admiradores Baudelaire, Victor Hugo, Chopin e George Sand.

Entre os arqueólogos favoritos de Hartt está Charles Rau (1826-1887), alemão nascido na Bélgica que se muda para os Estados Unidos em 1844, e para Nova York em 1856. Hartt gosta especialmente do artigo *Indian Pottery* (1866) – em que Rau faz um levantamento das informações etnológicas e arqueológicas disponíveis sobre a cerâmica dos índios da América do Norte –, um modelo que procurará seguir em seus artigos sobre a cerâmica amazônica. Rau, por sua vez, também era leitor de Squier, e Davis (de quem era amigo) e de Catlin. Mais tarde, em 1881, iria se tornar curador do Departamento de Arqueologia do *United States National Museum*, o que não impediu que, também ele, caísse no esquecimento (nem mesmo Trigger o cita). Rau também integrava o grupo dos que procuravam as similaridades entre os diferentes povos – assim, estudar a “infância” de um povo esclareceria aquela de outro povo:

Há alguns anos atrás, enquanto visitava o norte da Europa, tive a oportunidade de ver muitos espécimes de cerâmica antiga depositados nas coleções arqueológicas daquele distrito, e tendo previamente me familiarizado com o caráter da cerâmica aborígine norte-americana, tive grande prazer em traçar a similaridade entre as manufaturas plásticas de ambos os continentes. Quando as condições externas de vida são similares entre os homens, seus poderes inventivos eram necessariamente exercidos de maneira similar.⁸

Trigger vê esse grupo como herdeiro das prerrogativas iluministas, e esta passagem de Rau parece confirmar tal hi-

according to Trigger, believed in notions that were beginning to be out of date as psychic unity and linear evolutionism (from which it could be concluded that all have the same soul, regardless of race).⁷

Hartt also read George Catlin (1796-1872), American painter and ethnologist who imposed upon himself the task, from 1830 on, of crossing North America in order to record the habits of the different indigenous groups of the territory. His *Indian Gallery*, a gallery with about 500 oil paintings of American Indians, was very successful in Paris and London in the mid-1840s, having among its admirers Baudelaire, Victor Hugo, George Sand and Chopin.

Among his favorite archaeologists is Charles Rau (1826-1887), a German born in Belgium who moves to America in 1844, and to New York in 1856. Hartt is especially fond of the article *Indian Pottery* (1866), in which Rau makes a survey of ethnological and archaeological information available on the pottery of the Indians of North America, a model that Hartt himself will try to follow in his articles on Amazon pottery. Rau, in turn, was also a reader of Squier and Davis (and personal friend of Davis) and of Catlin. Later in 1881, he would become curator of the Department of Archaeology of the United States National Museum, but this has not impeded that he, too, fell into oblivion after his death (not even Trigger quotes him). Rau was also part of the group seeking the similarities between different people – in this way, to consider the ‘Childhood’ of a people would clarify that of another people:

Some years ago, while visiting northern Europe, I had occasion to see many specimens of ancient pottery deposited in the archaeological collections of that district, and having previously become acquainted with the character of North American aboriginal pottery, it afforded me great pleasure to trace the similarity in the fictile manufactures of both continents. When the external conditions of life were similar among men, their inventive powers were necessarily exerted in a similar manner.⁸

Trigger sees this group as the heir of the Enlightenment prerogatives, and another passage by Rau

⁷ TRIGGER, Bruce G. *A history of archaeological thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 178.

⁸ RAU, Charles. *Indian Pottery*. In: _____. *Articles on anthropological subjects, contributed to the Annual reports of the Smithsonian institution from 1863 to 1877*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1882, p. 57.

⁷ TRIGGER, Bruce G. *A history of archaeological thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 178.

⁸ RAU, Charles. “Indian Pottery”. In: _____. *Articles on anthropological subjects, contributed to the Annual reports of the Smithsonian institution from 1863 to 1877*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1882, p. 57.

seems to confirm this hypothesis: “The similarity in the manufactures of men in various climates is greatest when the primitive forms common to mankind become more and more indistinct, and finally emerge into those varied and characteristic shapes which reflect the individuality of nations”.⁹

Another author who carefully read by Hartt is Sir Daniel Wilson (1816-1892), Canadian archaeologist and ethnologist, born in England, who in his youth had been a watercolorist in the service of Turner and, later, having opted for archaeology, exchanged letters with Christian Thomsen and Jens Worsaae. He publishes in 1862 *Pre-historic man: researches into the origin of civilization in the Old and the New World*, in which he opposes himself to racial interpretations of human behavior.¹⁰ In the *Catalogue of books from the library of the late Sir Daniel Wilson*¹¹ we can have a good idea of what read at that time an archaeologist – Wilson not only read texts about archaeology, but travel books, literature, books on physics, geography, geology, chemistry and other branches of science – an universalist formation that we can find also in Hartt (he was, by the way, pianist and artist in his few spare moments).

Moreover, Hartt also read Tylor, Powell, Lubbock, Darwin (including *The Descent of Man*) and Morgan, without accept, however, the pessimistic view about the Indian so characteristic of these authors.

Much of the readings performed by Hartt is encouraged by the new problems found in the two expeditions Morgan, conducted in 1870 and 1871. The first expedition leaves for Brazil on June 23, 1870 and explores the Amazon valley and the mountains of Ererê for six months. Hartt and his students study, whenever the opportunity arises, ethnography and Indian antiques. It is on this expedition that Hartt, through specimens collected by Barnard, one of his assistants, learn about marajoara pottery, as reported in *The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil* (1871), the first scientific paper to spread this pottery internationally. Hartt know that the pottery was already known by travelers for centuries. However, he highlights what follows: “I do not know that any systematic examination has ever been made of any of the ancient burial places”.¹² Hartt also speculates

pótese: “A similaridade nas manufaturas de homens em vários climas é maior quando as primitivas formas comuns à humanidade se tornam mais e mais indistintas, e finalmente emergem naqueles variados e característicos formatos que refletem a individualidade das nações”.⁹

Outro autor que Hartt lê com cuidado é Sir Daniel Wilson (1816-1892), arqueólogo e etnólogo canadense, nascido na Inglaterra, que na juventude fora aquarelista a serviço de Turner; e que, mais tarde, tendo optado pela arqueologia, passou a se corresponder com Christian Thomsen e Jens Worsaae. Em 1862, publicou *Pre-historic man: researches into the origin of civilisation in the Old and the New World*, na qual se opõe a interpretações raciais do comportamento humano.¹⁰ No *Catalogue of books from the library of the late Sir Daniel Wilson*¹¹, podemos ter uma boa ideia do tipo de leituras de um arqueólogo do período – Wilson lia não apenas textos sobre arqueologia, mas relatos de viagem, obras literárias, livros sobre física, geografia, geologia, química e outros ramos da ciência – uma formação universalista que também encontramos em Hartt (diga-se de passagem, pianista e desenhista nos poucos momentos de folga).

Por outro lado, Hartt também lê Tylor, Powell, Lubbock, Darwin (inclusive *The Descent of Man*) e Morgan, sem internalizar, contudo, a visão pessimista sobre o indígena que tais autores apresentam.

Boa parte dessas leituras realizadas por Hartt é incitada pelos novos problemas que encontra nas duas expedições Morgan, realizadas em 1870 e 1871. A primeira parte para o Brasil em 23 de junho de 1870 e explora o vale do Amazonas e a serra do Ererê durante seis meses. Hartt e seus alunos estudam, sempre que surge a oportunidade, etnografia e antiguidades indígenas. É nessa expedição que toma conhecimento, através dos exemplares coletados por Barnard, um de seus ajudantes, da cerâmica marajoara, conforme relata em *The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil* (1871), primeiro artigo científico a divulgar essa cerâmica internacionalmente. Ele sabe que os vasos já eram conhecidos dos viajantes havia séculos. No entanto, destaca: “Não tenho conhecimento de que qualquer exame sistemático tenha um dia

⁹ RAU, 1882, p. 57.

¹⁰ TRIGGER, 2007.

¹¹ See “Catalogue of books from the library of the late Sir Daniel Wilson”. *Toronto Second Hand Book Circular* n. 12, Mar., Apr., 1897.

¹² HARTT, Charles Frederick. “The Ancient Indian Pot-

⁹ RAU, Charles. Op. cit., p. 57.

¹⁰ TRIGGER, Bruce. Op. cit., 2007.

¹¹ Cf. Catalogue of books from the library of the late Sir Daniel Wilson. *Toronto Second Hand Book Circular* n. 12, Mar., Apr., 1897.

sido feito nos antigos cemitérios [indígenas]”.¹² Também especula sobre a provável época de criação das cerâmicas: ele acredita que a cerâmica marajoara seja anterior ao descobrimento da América e discorda de von Martius, que achava que os *mounds* marajoaras fossem obra de descendentes dos tupis, pois vê muitas semelhanças com a cerâmica do Peru e a da América do Norte.¹³

A partir dessa primeira expedição, Hartt escreve também um artigo sobre a pintura parietal encontrada no Ererê, intitulado *Brazilian rock inscriptions*. Começa o texto lamentando o desconhecimento das antiguidades brasileiras no próprio país: “É uma grande vergonha que as antiguidades do Brasil tenham até agora recebido pouca ou nenhuma atenção, ainda que o país tenha uma arqueologia extremamente interessante, e é muito desejável que a história de suas muitas tribos seja traçada”.¹⁴ Hartt analisa as pinturas encontradas na Caverna da Pedra Pintada, e copia várias delas, que são reproduzidas em seu artigo. Conclui que o povo que as realizou era religioso, ainda que constate que nem todos os desenhos foram feitos com essa intenção; em alguns, percebe a mão do visitante:

Um povo que tenha passado tanto trabalho para desenhar figuras do sol e da lua em penhascos em topos de montanhas deve ter atribuído uma grande importância a esses objetos naturais, e penso que essas figuras indicam o culto ao sol pelas tribos que as executaram.¹⁵

Hartt conclui também que quase toda a pintura era feita com os dedos, porque “em alguns lugares, a pedra está marcada onde o índio apoiou a mão ao subir”.¹⁶ Enfim, não deixa de tentar datar as pinturas parietais, e sua hipótese é a seguinte:

É bem sabido que os desenhos de Ererê, e aqueles de Óbidos, a serem descritos, existem há mais de duzentos anos. Não pode haver dúvida de que antecedem a civilização do Amazonas, e há uma forte possibilidade de que

about the probable time of creation of the pottery: he believes that the marajoara pottery is previous to the discovery of America and disagrees with von Martius, who thought that the marajoara mounds were the work of descendants of the Tupi, since he sees many similarities with pottery of Peru and North America.¹³

From that first expedition Hartt also writes an article about the wall paintings found in Ererê, entitled *Brazilian rock inscriptions*. Hartt begins the text lamenting the fact that this pottery was not well-known in Brazil: “It is a great shame that the antiquities of Brazil have so far received little or no attention, yet the country is one whose ethnology is extremely interesting, and it is very desirable that the history of its many tribes should be traced out”.¹⁴ Hartt examines the paintings found at Caverna da Pedra Pintada, and several copies of them, which are reproduced in his article. He concludes that the people responsible for the paintings were religious (even if he finds that not all designs are made with that intention; in some he notes the visitor’s hand):

A people that would go to so much trouble as to draw figures of the sun and moon high up on cliffs on the tops of mountains must have attached a great importance to these natural objects, and I think that these figures point to a worship of the sun by the tribes which executed them.¹⁵

Hartt also concludes that almost all the painting was done with the fingers, because “in some places the rock is soiled where the Indian assist himself by the hand in climbing”.¹⁶ Finally, Hartt tries to date the wall paintings, and his hypothesis is the follow:

It is well known that the drawings of Ererê, and those of Óbidos, about to be described, existed more than two hundred years ago. There can be no doubt that they antedate the civilization of the Amazonas, and there is a strong probability that some of them, at least, were drawn before the discovery of America.¹⁷

¹² HARTT, Charles Frederick. The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil. *The American Naturalist*. Chicago, v. 5, n. 5, jul. 1871a, p. 260.

¹³ HARTT, Charles F. Op. cit., 1871a, p. 270-271.

¹⁴ HARTT, Charles F. Brazilian rock inscriptions. *The American Naturalist*. Chicago, v. 5, n. 3, may 1871b, p. 139.

¹⁵ HARTT, Charles F. Op. cit., 1871b, p. 146-147.

¹⁶ HARTT, Charles F. Op. cit., 1871b, p. 145.

tery of Marajo, Brazil”. *The American Naturalist*. Chicago, v. 5, n. 5, jul. 1871a, p. 260.

¹³ HARTT, 1871a, p. 270-271.

¹⁴ HARTT, Charles Frederick. “Brazilian rock inscriptions”. *The American Naturalist*. Chicago, v. 5, n. 3, may 1871b, p. 139.

¹⁵ HARTT, 1871b, p. 146-147.

¹⁶ HARTT, 1871b, p. 145.

¹⁷ HARTT, 1871b, p. 146.

Between July and December 1871 occurs Morgan's second expedition, with the participation only of Hartt and Orville Derby. In this expedition is formed the collection of vases, urns and other artifacts, as well as notes are recorded on indigenous cemeteries and inscriptions on stone.

The taking stock of the two expeditions is done by Hartt in his *Preliminary report of the Morgan expedition, 1870-71. Report of a reconnaissance of the Lower Tapajós* (1874), a very important document for the understanding of his long-term project of archaeological and ethnological research. Early in the text Hartt gives a little nip in Agassiz's theory on the action of glaciers in Amazon (Agassiz died in 1873): "Suffice it to say that I did not find a trace of glacial action, the Serra of Ereré appearing to be composed of rocks of Paleozoic age..."¹⁸ Hartt informs also that Prof. Wyman, from Cambridge's Museum of Ethnology, had donated 500 dollars for the archaeological collection (that, in general, was not the better endowed). Hartt goes again to Tapeirinha with Rhome (an American that left United States after the Civil War, dreaming to become a farmer in Amazon; he builds the Tapeirinha farm, a refuge for all the Americans that visit or research in the region) and obtain ceramic, some bones, and stone artifacts from an old Indian settlement. He collects fossils from Tapajós to Itaituba, and in his time off, Aboriginal myths. The hard work conditions are not disguised: "Since my return from the Amazonas, the working of the results of the expedition was progressed as rapidly as my university duties and the lack of funds would allow"¹⁹ Hartt announces, in this report, what will be the next steps of his ethnological and archaeological research, more and more ambitious given the wealth of the collected material:

As it has been necessary for me to devote myself, first of all, to the description of the antiquarian collections, I have been unable to do much more than superintend work in the other departments. The archaeological material has been so rich that it has been very difficult to work out. New collections have constantly been coming in, and what I intended as a short report on the antiquities of the lower Amazonas, has grown to be a large volume on the antiquities of the whole Empire. In this work, now far advanced

alguns deles, ao menos, tenham sido desenhados antes da descoberta da América.¹⁷

Entre julho e dezembro de 1871, ocorre a segunda Expedição Morgan, com a participação apenas de Hartt e Orville Derby. Nessa expedição, é formada a coleção de vasos, urnas funerárias e outros artefatos, bem como são feitos registros sobre cemitérios indígenas e inscrições em rochas.

O balanço das duas expedições é feito por Hartt em seu *Preliminary report of the Morgan expedition, 1870-71. Report of a reconnaissance of the Lower Tapajós* (1874), documento muito importante para a compreensão de seu projeto de longo prazo pesquisas etnológicas e arqueológicas. Logo no começo do texto, Hartt dá uma pequena "alfinetada" na teoria de Agassiz (falecido em 1873) sobre a ação das geleiras na Amazônia: "Basta dizer que não achei nenhum traço de ação glacial, a Serra do Ereré parece ter sido composta por rochas do período Paleozóico..."¹⁸ Informa também que o Prof. Wyman, do Museum of Ethnology, de Cambridge, havia doado 500 dólares para a coleção arqueológica, que em geral, não era a que mais contava com recursos.

Hartt vai novamente a Tapeirinha com Rhome, americano que deixou os Estados Unidos após a Guerra da Secessão, com o sonho de se tornar fazendeiro na Amazônia, e que constrói a fazenda Tapeirinha, um refúgio para todos os americanos que visitam ou pesquisam na região; obtêm cerâmica, alguns ossos e artefatos de pedra em uma antiga ocupação indígena. Hartt coleta fósseis de tapajós em Itaituba e, no tempo de folga, coleciona mitos aborígenes. As difíceis condições de trabalho não são disfarçadas: "Desde meu retorno do Amazonas, o trabalho sobre os resultados da expedição progrediu tão rapidamente quanto o permitiram minhas obrigações universitárias e minha falta de recursos"¹⁹ Anuncia, nesse relatório, os próximos passos de suas pesquisas etnológicas e arqueológicas, cada vez mais ambiciosas diante da riqueza do material coletado:

Como foi necessário para mim, antes de tudo, dedicar-me à descrição das coleções de antiqário, não pude fazer muito mais do

¹⁸ HARTT, Charles Frederick. *Preliminary report of the Morgan expedition, 1870-71. — Report of a reconnaissance of the Lower Tapajós*. Bulletin of the Cornell University (Science). Ithaca: University Press, 1874, p. 3.

¹⁹ HARTT, 1874, p. 6.

¹⁷ HARTT, Charles F. Op. cit., 1871b, p. 146.

¹⁸ HARTT, Charles Frederick. *Preliminary report of the Morgan expedition, 1870-71. — Report of a reconnaissance of the Lower Tapajós*. Bulletin of the Cornell University (Science). Ithaca: University Press, 1874, p. 3.

¹⁹ HARTT, Charles F. Op. cit., 1874, p. 6.

que supervisionar o trabalho em outros departamentos. O material arqueológico era tão rico que foi difícil trabalhar com ele. Novas coleções chegavam constantemente, e o que pretendi que fosse um breve relato das antiguidades do baixo Amazonas tornou-se um grande volume sobre as antiguidades de todo o Império. Nesse trabalho, agora quase completo, proponho não apenas figurar e descrever os objetos que chegaram a minhas mãos, como implementos de pedra, cerâmica, restos humanos etc., mas tratar também de sambaquis, cemitérios, inscrições na pedra etc. Após um criterioso, crítico estudo das autoridades antigas, Vaz de Caminha, Thevet, Lery, Hans Staden, Ives d'Evreux, Pero de Magalhães etc. etc., devo oferecer um esboço da vida indígena antiga e imediatamente subsequente à descoberta e ocupação do Brasil pelos brancos. Não me limitei apenas à descrição da antiga vida, mas comparei os hábitos e costumes dos antigos índios brasileiros com aqueles das raças selvagens existentes, não apenas naquele país, mas também em outras partes do mundo. Em relação a meus estudos de cerâmica indígena do Brasil, investiguei cuidadosamente os modos de manufatura cerâmica empregados entre raças selvagens de todo o mundo. Eu tracei o método de criar um vaso a partir de rolinhos de argila, dos Estados Unidos ao Chile, e, como resultado de uma longa pesquisa, devo mostrar que a manufatura cerâmica, sendo um ramo da culinária, cai, naturalmente, em toda a parte entre tribos selvagens, nas mãos de uma mulher, um fato de muita importância, devido à íntima conexão entre a manufatura cerâmica e o crescimento da arte decorativa.²⁰

Hartt pretende publicar toda a pesquisa arqueológica projetada sob o título de *Brazilian Antiquities*, e prevê um total de 500 páginas ilustradas com muitas gravuras e 50 pranchas heliográficas. Deseja continuar suas pesquisas no Brasil. Nos Estados Unidos, profere palestras a respeito da ornamentação da cerâmica marajoara, em centros progressistas como a Cooper Union (sobre esse tema, a saber, uma leitura darwinista da evolução do ornamento, também anunciada no *Preliminary Report*, ele publica um artigo na *Popular Science Monthly*, em 1875); também cria o projeto da Comissão Geológica do Brasil, a partir dos modelos das *Geological Surveys*, originados na Inglaterra, em 1832, e difundidos por vários países ao longo do século XIX. No plano original de Hartt, o último tópico consistia no “estudo da arqueologia do país e da etnologia das tribos existentes”.²¹ Esse plano, muito dispendioso, foi reduzido, mas o último item foi mantido – jus-

towards completion, I propose not only to figure and describe the objects that have come into my hands, such as stone implements, pottery, human remains, etc., but to give accounts of the kitchen-middens, burial places, rock inscriptions, etc. After a most careful, critical study of the ancient authorities, Vaz de Caminha, Thevet, Lery, Hans Staden, Ives d'Evreux, Pero de Magalhães, etc., etc., I shall endeavor to give a sketch of Indian life at, and immediately subsequent to the discovery and occupation of Brazil by the whites. I have not limited myself to the description of ancient life alone, but I have compared the manners and customs of the ancient Brazilian Indians with those of existing savage races, not only of that country, but also of other parts of the world. In connection with my studies of the Indian pottery of Brazil, I have investigated carefully the modes of manufacture of earthen-ware employed among savage races the world over. I have traced the method of building up a vessel by coiling up a rope of clay, from the United States to Chiloe, and, as the result of long research, I shall show that the manufacture of pottery, being a branch of cooking, falls naturally, everywhere among savage tribes, into the hands of woman, a fact of much importance, because of the intimate connection between the manufacture of pottery and the growth of decorative art.²⁰

Hartt wants to publish under the title of *Brazilian Antiquities* all his archaeological research, and foresees a total of 500 pages, illustrated with many engravings and 50 heliographic plates. Hartt want to continue his research in Brazil. In the United States he gives lectures about the ornamentation of marajoara pottery (on this theme – a Darwinian reading on the origin of the evolution in ornament, also announced in the *Preliminary Report* – Hartt published an article in *Popular Science Monthly* in 1875) on progressive centers like Cooper Union, and builds the project of the *Geological Survey* of Brazil from the models of Geological Surveys originated in England in 1832 and broadcasted by several countries during the 19th century. In Hartt's original plan, the last topic foresaw was the “study of archaeology and ethnology of the country of existing tribes”.²¹ This plan, too expensive, was reduced, but the last item was preserved, being precisely the point that differs completely from the model of Surveys, which do not

²⁰ HARTT, Charles F. Op. cit., 1874, p. 7.

²¹ FIGUEIRÓA, Sílvia Fernanda de Mendonça. A Comissão Geológica do Império do Brasil. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 121.

²⁰ HARTT, 1874, p. 7.

²¹ FIGUEIRÓA, Sílvia Fernanda de Mendonça. “A Comissão Geológica do Império do Brasil”. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p. 121.

foresee archaeological and ethnological researches.

On May 11, 1877 the Commission is officially closed, which was a blow to Hartt. The Empire has not shown more interest in the scientist's consuming researches. At that time Hartt has already plenty of material on the ethnology and archaeology of the Amazon Indians that will be published posthumously. This is the case of *Notes on the manufacture of pottery among savage races* (1879), whose introductory paragraph promises a new approach to the study of Indian pottery:

In making a critical study of the Indian pottery of Brazil, both ancient and modern, I have been led to investigate some facts in connection with the methods employed in primitive ceramic art, which, up to the present time, have received but little attention.²²

Hartt had also written the texts that would compose the *Ethnology of the Amazon valley* (1885), its longer-term work on the ethnology and archaeology of the region, published in *Archivos do Museu Nacional*.²³

Anna Roosevelt and Charles Frederick Hartt: information recovery in old collections

On March 18, 1878 Hartt died of yellow fever in Rio de Janeiro. Part of his writings and collections would be sent by his disciples to the United States; only Orville Derby was definitively settled in Brazil. His reputation as excellent teacher still echoed at Cornell, but the same could not be said about his research. The magazines for the general public announced the new discoveries in classical archaeology – that's how we can find such items as *Dr. Schliemann at Mycenae* in a January 1878 edition of *Scribner's Monthly*,²⁴ a magazine owned by the same publisher who would publish a long series of articles about Brazil written by another of Hartt's disciples, Herbert Smith. The new scenario, in favor of classical archaeology and hostile to Indian archaeology, is very well summarized by Caroline Winterer in *The culture of classicism. Ancient Greece and Rome in American intellectual life* (1780-1910):

²² HARTT, Charles Frederick. "Notes on the manufacture of pottery among savage races?". *The American Naturalist*. Chicago, v. 13, n. 2, fev. 1879, p. 78.

²³ HARTT, Charles Frederick. Contribuição para a etnologia do vale do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6, p. 1-174, 1885.

²⁴ See "Dr. Schliemann at Mycenae". *Scribner's Monthly*. New York, v. 15, n. 3, jan. 1878, p. 307-320.

tamente o ponto que difere por completo do modelo dos *Surveys*, que não preveem pesquisas arqueológicas e etnológicas.

Em 11 de maio de 1877, a Comissão é oficialmente encerrada, o que foi um duro golpe para Hartt. O Império não demonstrou interesse nas demoradas pesquisas do cientista, que nessa época já conta com muito material sobre a etnologia e a arqueologia dos índios da Amazônia (publicado postumamente). É o caso das *Notes on the manufacture of pottery among savage races* (1879), cujo parágrafo introdutório promete uma nova abordagem para o estudo da cerâmica indígena:

Ao fazer um estudo crítico da cerâmica indígena do Brasil, tanto antiga quanto moderna, fui levado a investigar alguns fatos em conexão com os métodos empregados na primitiva arte cerâmica, que, até o tempo presente, receberam pouca atenção.²²

Ele também escreveu os textos que compõem a *Etnologia do vale do Amazonas* (1885), seu trabalho de maior fôlego sobre a etnologia e a arqueologia da região, publicado nos *Archivos do Museu Nacional*.²³

Anna Roosevelt e Charles Frederick Hartt: recuperação de informação em velhas coleções

Em 18 de março de 1878, Hartt morre de febre amarela, no Rio de Janeiro. Seus escritos e parte das coleções que organizou são levados por seus discípulos aos Estados Unidos (apenas Orville Derby se instalou em definitivo no Brasil). Sua fama de excelente professor ainda ecoava em Cornell, mas não se pode dizer a mesma coisa acerca de suas pesquisas. As revistas para o grande público anunciavam as novas descobertas da arqueologia clássica – podemos encontrar artigos como *Dr. Schliemann at Mycenae* em uma edição de janeiro de 1878 da *Scribner's Monthly*,²⁴ revista pertencente à mesma editora que haveria de publicar uma longa série de artigos sobre o Brasil, escritos por outro dos discípulos de Hartt, Herbert Smith. O novo cenário, favorável à arqueologia clássica e hostil à arqueologia indígena, é muito bem sintetizado

²² HARTT, Charles F. Notes on the manufacture of pottery among savage races. *The American Naturalist*. Chicago, v. 13, n. 2, fev. 1879, p. 78.

²³ HARTT, Charles Frederick. Contribuição para a etnologia do vale do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6, p. 1-174, 1885.

²⁴ Cf. Dr. Schliemann at Mycenae. *Scribner's Monthly*. New York, v. 15, n. 3, jan. 1878, p. 307-320.

por Caroline Winterer em *The culture of classicism. Ancient Greece and Rome in American intellectual life* (1780-1910):

Em sua fundação, a AIA dedicou-se não apenas à escavação de sítios clássicos, mas também ao estudo de antiguidades bíblicas e americanas. Mas, no final das contas, a agenda clássica mediterrânea superou todas as outras, e muitos membros da AIA passaram a desprezar a arqueologia indígena americana. Os ânimos se exaltaram mesmo no primeiro encontro da AIA, em 1878, quando as duas agendas entraram em conflito. [...] Outros discordaram: um membro retrucou que o conhecimento dos Índios era “simplesmente curioso” ao invés de útil. [...] Adolph Bandelier (1840-1914) lamentou o status de oprimido da arqueologia americana, chamando-a de “aquela Cinderela entre as pesquisas científicas”.²⁵

Em 1879, mesmo ano em que ocorre o primeiro encontro do *Archaeological Institute of America* (AIA) aludido por Winterer, é criado nos Estados Unidos o *Bureau of Ethnology*, dirigido por J. W. Powell (1834-1902; Hartt fora seu leitor), que subordina a etnologia e a arqueologia pré-histórica à antropologia. Os pesquisadores que dominam a instituição, ainda que da mesma geração de Hartt, não pertencem a seu grupo e nem partilham suas ideias liberais com relação aos indígenas americanos. William Holmes (1846-1943), por exemplo, desposa por completo o materialismo de Gottfried Semper (cujo *Der Stil*, de 1861-1863, Hartt também havia lido e adotado com muito mais moderação), no que diz respeito à decoração da cerâmica indígena, que seria originária das marcas deixadas pela pressão da trama dos tecidos na argila fresca.²⁶ Tais marcas, copiadas, seriam transformadas nos padrões decorativos, pouco espaço deixando à criatividade dos índios. Holmes refuta assim a teoria de Hartt,²⁷ que aplicava o darwinismo ao desenvolvimento da capacidade perceptiva do olho (perceberíamos primeiro as linhas retas e depois as curvas, e essa seria a ordem seguida no desenvolvimento da ornamentação

At its founding, the AIA had been devoted not only to the excavation of classical sites but also to the study of biblical and American antiquities. But ultimately, the classical Mediterranean agenda overwhelmed all others, and many AIA members heaped scorn on indigenous American archaeology. Tempers flared even at the first AIA meeting in 1879 as these two agendas conflicted.[...]. Others disagreed: one member retorted that knowledge of Indians was “simply curious” rather than useful. [...] Adolph Bandelier (1840-1914), lamented American archaeology’s underdog status, calling it “that Cinderella among scientific researchers”.²⁵

In 1879, same year of the first meeting of the *Archaeological Institute of America* (AIA), mentioned by Winterer, is created in the United States the *Bureau of Ethnology*, directed by J. W. Powell (1834-1902 – Hartt reads his works), which subordinates ethnology and prehistoric archaeology to anthropology. The researchers who dominate the institution, even if of the same generation of Hartt, do not belong to his group and not share his liberal ideas with respect to American Indians. William Holmes (1846-1943), for example, fully accepted the materialism of Gottfried Semper (whose *Der Stil*, of 1861-1863, Hartt also had read and adopted with much more moderation) with regard to the decoration of Indian pottery, which would be sourced from the marks left by the pressure of clothing fabric in fresh clay.²⁶ Such marks, copied, would be transformed in decorative patterns, leaving little room for Indians’s creativity. Holmes thus refutes Hartt’s theory,²⁷ which applied Darwinism to the development of the eye’s perceptual ability (we realize first the straight lines and after the curves ones, and this would be the order followed in the development of ornamental ceramics), proposing, however, a universalist vision of human nature – a clear example of the gradualism

²⁵ WINTERER, Caroline. *The culture of classicism. Ancient Greece and Rome in American intellectual life* (1780-1910). Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 2002, p. 162.

²⁶ Cf. *Eighty-Seven Regular Meeting, Dec. 16, 1884*. Transactions of the Anthropological Society of Washington, vol. 3, p. 108-115, 6 nov. 1883 – 19 mai. 1885.

²⁷ Para uma análise mais detalhada da refutação das teorias de Hartt pelos antropólogos americanos da década de 1880, cf. KERN, Daniela. Da vida para a história: a redescoberta de Charles Frederick Hartt na Era Vargas. *Anais do IX Encontro Estadual de História/ANPUH-RS*. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2008, p. 1-10. Disponível em: < http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212359228_ARQUIVO_DavidaparaahistoriaDanielaKern.pdf>. Acesso em 20/11/2010.

²⁵ WINTERER, Caroline. *The culture of classicism. Ancient Greece and Rome in American intellectual life* (1780-1910). Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 2002, p. 162.

²⁶ See *Eighty-Seven Regular Meeting, Dec. 16, 1884*. Transactions of the Anthropological Society of Washington, Vol. 3, p. 108-115, 6 nov. 1883 – 19 mai. 1885.

²⁷ For a more detailed refutation of Hartt’s theories by American anthropologists of the 1880s, see KERN, Daniela. “Da vida para a história: a redescoberta de Charles Frederick Hartt na Era Vargas”. *Anais do IX Encontro Estadual de História/ANPUH-RS*. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2008, p. 1-10. Disponível at: < http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212359228_ARQUIVO_DavidaparaahistoriaDanielaKern.pdf>. Accessed at: 20 nov. 2010.

with which evolution is embedded in the scientific community at this exact period in which Hartt elaborates his theories.²⁸

The generation that ascends to power in the institutions that fund archaeological research has a rather pessimistic view of American Indian and reinforces stereotypes about them.²⁹

A solitary voice, John Branner, Hartt's friend and disciple who pursued a career as a professor of geology in the United States, in 1906 published a *Bibliography of clays and the ceramic arts*, which includes the works of Hartt on Indian pottery.³⁰ At that time almost nobody remembers them. The anthropologist Franz Boas, in works such as *Primitive Art* (1927), has criticized Holmes' generation, contributing to the establishment of the cultural-historical approach in American archaeology.³¹

Excluded from discussions of professional archaeology and anthropology, Hartt still is sometimes consulted by archaeologists as the American Helen Palmatary, Research Fellow in Brazilian Studies from the American section of the Museum of Archaeology and Anthropology at the University of Pennsylvania. She publishes in 1949 the research *The pottery of Marajo Island*, in which quotes Hartt, especially his descriptions of marajoara pottery.³²

Hartt will be studied with more interest and attention after the eighties, both in the United States and Brazil, from a wider range of disciplines. His geological researches and his participation in creating the course of geology at Cornell are the subject of books and papers of the historian of geology William Brice. In *Cornell Geology through the years*,³³ two chapters are devoted to Hartt: *Hartt and the Founding Years*, which covers the early years of undergraduate course of geology at Cornell (Hartt, married to Lucy, an amateur scientist and former professor at Vassar College, a college just for girls, created a geology group for women at Cornell) and *Hartt and Brazil*,

cerâmica), sem, contudo, deixar de propor uma visão universalista da natureza humana – um claro exemplo do gradualismo com que o evolucionismo é incorporado pela comunidade científica, exatamente no período em que Hartt elabora suas teorias.²⁸

A geração que ascende ao poder nas instituições que financiam pesquisas arqueológicas tem uma visão bastante pessimista do indígena americano e reforça os estereótipos a seu respeito.²⁹ Voz isolada, John Branner, amigo e discípulo de Hartt que seguiu a carreira de professor de geologia nos Estados Unidos, publica *Bibliography of clays and the ceramic arts* (1906), na qual inclui os trabalhos de Hartt sobre cerâmica indígena³⁰ – nessa época, quase ninguém mais se lembra deles. O antropólogo Franz Boas, em obras como *Primitive Art* (1927), já critica a geração de Holmes, contribuindo para o estabelecimento da abordagem histórico-cultural na arqueologia americana.³¹

Excluído das discussões da arqueologia e da antropologia profissional, Hartt ainda é eventualmente consultado por arqueólogos, como a americana Helen Palmatary, pesquisadora associada em Brazilian Studies, junto à seção americana do Museu de Arqueologia e Antropologia da University of Pennsylvania. Ela publica, em 1949, a pesquisa *The pottery of Marajó Island*, na qual cita Hartt, sobretudo suas descrições da cerâmica marajoara.³²

Hartt passará a ser estudado com mais interesse e atenção a partir dos anos 1980 e 90, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, num leque mais amplo de disciplinas. Suas pesquisas geológicas e sua participação na criação do curso de geologia de Cornell são o tema de livros e artigos do historiador da geologia William Brice. Em *Cornell Geology through the years*,³³ dois capítulos são dedicados a Hartt: *Hartt and the Founding Years*, que trata dos primeiros anos do curso de geologia em Cornell (Hartt, casado com Lucy, uma cientista amadora, e ex-professor do Vassar College, apenas para moças, criou uma turma de geologia para mulheres em Cornell), e *Hartt and Brazil*, que aborda as expedi-

²⁸ See RUDWICK, Martin J. S. *The meaning of fossils: Episodes on the History of Palaeontology*. Chicago: University of Chicago Press, 1985, p. 250-252.

²⁹ TRIGGER, 2007.

³⁰ See BRANNER, John C. *Bibliography of clays and the ceramic arts*. Columbus, Ohio: American Ceramic Society, 1906.

³¹ TRIGGER, 2007.

³² See PALMATARY, Helen. "The pottery of Marajó Island". *Transactions of the American Philosophical Society held at Philadelphia for promoting useful knowledge*. Philadelphia, v. 39, 1949, p. 261-470.

³³ BRICE, William R. *Cornell geology through the years*. Ithaca, N.Y.: College of Engineering, Cornell University, 1989.

²⁸ Cf. RUDWICK, Martin J. S. *The meaning of fossils: Episodes on the History of Palaeontology*. Chicago: University of Chicago Press, 1985, p. 250-252.

²⁹ TRIGGER, Bruce. Op. Cit.

³⁰ Cf. BRANNER, John C. *Bibliography of clays and the ceramic arts*. Columbus, Ohio: American Ceramic Society, 1906.

³¹ TRIGGER, Bruce. Op. cit.

³² Cf. PALMATARY, Helen. The pottery of Marajó Island. *Transactions of the American Philosophical Society held at Philadelphia for promoting useful knowledge*. Philadelphia, v. 39, 1949, p. 261-470.

³³ BRICE, William R. *Cornell geology through the years*. Ithaca, N.Y.: College of Engineering, Cornell University, 1989.

ções de Hartt ao Brasil, os detalhes sobre seu financiamento, a atuação do cientista junto à Comissão Geológica do Império, as dificuldades de pesquisa que enfrentava (a falta de estrutura de Cornell para abrigar as coleções de Hartt trouxe consequências à conservação, perceptíveis hoje) e as coleções formadas e em parte doadas a Cornell.³⁴ A pesquisa arqueológica de Hartt aparece aqui de maneira apenas incidental.

Colaboradora de Brice em alguns trabalhos sobre Hartt, a pesquisadora brasileira Sílvia Figuerôa interessa-se pela participação do cientista na Comissão Geológica do Império. Para a autora, Hartt “falhou” em sua concepção da Comissão, pois se preocupou mais com pesquisas científicas sem aplicabilidade imediata (como as pesquisas etnológicas e etnográficas) e menos com a busca de resultados práticos para a agricultura, por exemplo, que poderiam interessar muito mais ao Império. Figuerôa também oferece uma breve história das expedições de Hartt ao Brasil, bem como apresenta algumas informações sobre sua prática arqueológica, ainda que não as analise.³⁵

Marcus Vinícius de Freitas, por sua vez, com formação em letras, é responsável pela popularização da biografia de Hartt e da história de suas expedições, através de seus livros *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*³⁶, resultado de sua tese de doutorado, e *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*³⁷, um livro de mesa elaborado também a partir do material da tese. Neste, Freitas dedica um capítulo a cerâmica indígena e inscrições rupestres, limitando-se a resumir artigos de Hartt sobre os temas, sem relacioná-los a outras fontes históricas nem contextualizá-los, se valendo, sobretudo, da análise textual. No primeiro livro, o capítulo quinto é dedicado às pesquisas etnológicas e arqueológicas de Hartt: *Hartt e os índios*. Trata-se de texto mais extenso; no entanto, a prática arqueológica mais uma vez é apenas indicada e vista de fora, sem merecer uma análise mais aprofundada.

Os exemplos de recuperação da obra de Hartt que acabamos de mostrar se voltam para sua importância histórica. Diferente é o que acontece com a leitura de Anna Roosevelt, que

which covers the Hartt expeditions to Brazil, details about its financing, the role of the scientist in the Geological Commission of the Empire, the difficulties of research faced by him (the lack of infrastructure to house Hartt’s collections at Cornell brought consequences to their state of conservation which are apparent today) and the collections formed and partly donated to Cornell.³⁴ The archaeological survey of Hartt appears here only in an incidental way.

Collaborator of Brice in some works on Hartt, the Brazilian researcher Sílvia Figuerôa is interested in the participation of the scientist at the Geological Survey of the Empire. For the author, Hartt “failed” in his conception of the Commission, because he was more concerned with scientific research without immediate application (such as ethnographic and ethnological research) rather than with the pursuit of practical results for agriculture, for example, that might be of much more interest to the Empire. Figuerôa also offers a brief history of the expeditions of Hartt in Brazil, as well as provides some information about his archaeological practice, although she does not analyze it.³⁵

Marcus Vinicius de Freitas, in turn, with a degree in Letters, is responsible for popularizing Hartt’s biography and history of his expeditions through the books *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*,³⁶ the result of his Ph.D. thesis, and *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*,³⁷ a coffee table book also drawn from the material of the thesis. In the latter book Freitas devotes a chapter to Indian pottery and inscriptions, but merely summarizes Hartt’s articles on these topics, without relating them to other historical sources or put them in context, and taking advantage especially of textual analysis. In the first book, *Charles Frederick Hartt*, chapter five is devoted to Hartt’s archaeological and ethnological research: *Hartt e os Índios*. It is a more extensive text; however, the archaeological practice, however, is again only pointed and shown from the outside, without merit further analysis.

Examples of the recovery of Hartt’s work that we just show turn to its historical importance. Different is what happens with Anna Roosevelt’s reading,

³⁴ BRICE, William R. Op. cit..

³⁵ FIGUEIRÓA, Sílvia F. M. Op. cit.

³⁶ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

³⁷ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001.

³⁴ BRICE, 1989.

³⁵ FIGUEIRÓA, 2001.

³⁶ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

³⁷ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001.

who will give again credibility to Hartt's archaeological work. Here's how.

Roosevelt in 1998 published, in the book organized by Manuela Carneiro da Costa, the chapter *Arqueologia Amazônica*. She begins summarizing some current theories about this subject: the Amazon would be a false paradise (Meggers' thesis); a poor environment that restricted the cultural development of the region; prehistoric cultures found there would be associated with migration and invasion (from the perspective of the so called environmental theory).³⁸ To this state of research Roosevelt countered his own research: "A new vision of prehistory Amazon begins to emerge from recent fieldwork and of the review of earlier fieldwork".³⁹ For Roosevelt, "[...] unlike previous interpretations, [...] the lowlands of the Great Amazon may have been occupied earlier, being the birthplace of some important cultural development for the Americas".⁴⁰ Draws attention throughout the text the number of times that Hartt is mentioned as a reference, as a source of valid information. In the text's last subchapter, entitled *Fontes*, there is a rather lengthy passage which is worth quoting in full, since it draws attention to the need for recovery the "sensitivity" to the older sources, as Hartt:

In most cases, professional archaeologists have ignored the sources of the 18th and 19th centuries because they say they were representative of records and research conducted in a unscientific and unsystematic way. However, many of the ancient works contain important information missing in most modern sources. For example, it was not mentioned in any source of the 20th century the existence of kitchen-middens of the Archaic period on the Marajo island, although these are mentioned in at least two earlier sources (Penna, 1876; Monteiro de Noronha, 1862). In addition, work carried out by amateur archaeologists or anthropologists contain important archaeological information not found in the work of professional archaeologists. For example, the first ceramic site of Tapeirinha was described in 19th sources (Hartt, 1885; Penna, 1876; Smith, 1879), but this century has only been mentioned in publications by an amateur archaeologist (Palmatary, 1960). What seems to have happened is

volta a conferir credibilidade ao trabalho arqueológico de Hartt. Vejamos como.

Em 1998, Roosevelt publica, na obra organizada por Manuela Carneiro da Costa, o capítulo *Arqueologia amazônica*. Principia resumindo algumas teses correntes sobre o tema: a Amazônia seria um falso paraíso (tese de Meggers), um ambiente pobre que restringiu o desenvolvimento cultural da região; as culturas pré-históricas ali encontradas estariam associadas a migrações e invasões (dentro da perspectiva da chamada teoria ambiental).³⁸ A esse estado da arte, Roosevelt contrapõe suas próprias pesquisas: "Uma nova visão da pré-história amazônica começa a emergir do trabalho de campo recente e da reavaliação do trabalho de campo anterior"³⁹. Para a autora, "[...] ao contrário das interpretações precedentes, [...] as terras baixas da Grande Amazônia podem ter sido ocupadas muito cedo, sendo o lugar de origem de alguns importantes desenvolvimentos culturais para as Américas".⁴⁰ Chama a atenção, ao longo do texto, a quantidade de vezes que Hartt é citado como referência, fonte de informação válida. No último subcapítulo do texto, intitulado *Fontes*, há uma passagem um tanto extensa, que merece ser citada na íntegra, uma vez que chama a atenção para a necessidade de recuperação da "sensibilidade" das fontes mais antigas, como Hartt:

Em sua maioria, os arqueólogos profissionais têm ignorado as fontes dos séculos XVIII e XIX pois, segundo eles, estas seriam representativas de registros e pesquisas realizados de maneira não científica e assistemática. Entretanto, muitos dos trabalhos antigos contêm importantes informações ausentes nas fontes mais modernas. Por exemplo, não foi mencionada em nenhuma fonte do século XX a existência de sambaquis do período Arcaico na ilha de Marajó, apesar de estes serem citados em pelo menos duas fontes mais antigas (Penna, 1876; Monteiro de Noronha, 1862). Além disso, alguns trabalhos realizados por arqueólogos ou etnólogos amadores contêm importantes informações arqueológicas não encontradas nos trabalhos de arqueólogos profissionais. Por exemplo, o primeiro sítio cerâmico de Tapeirinha foi descrito em fontes do século XIX (Hartt, 1885; Penna, 1876; Smith, 1879), mas neste século só foi mencionado em publicações por um arqueólogo amador (Palmatary, 1960). O que parece ter acontecido é que os pontos de vista fortemente teóricos e cientificistas dos

³⁸ ROOSEVELT, Anna Curtenius. "Arqueologia amazônica". In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 53.

³⁹ ROOSEVELT, 1998, p. 53.

⁴⁰ ROOSEVELT, 1998, p. 53.

³⁸ ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 53.

³⁹ ROOSEVELT, Anna C. Op. cit., p. 53.

⁴⁰ ROOSEVELT, Anna C. Op. cit., p. 53.

arqueólogos de meados do século XX restringiram severamente sua sensibilidade às fontes.⁴¹

Na frase que conclui o texto, Roosevelt lamenta, emblematicamente, a perda da coleção de fotografias em chapa de vidro que Hartt encomendara para a Comissão Geológica do Império. Em dois artigos posteriores, *New Information from Old Collections. The Interface of Science and Systematic Collections*, e *A historical memoir of archaeological research in Brazil (1981-2007)*, descreve em detalhes como tomou conhecimento do trabalho de Hartt.

Em 1981, ainda jovem arqueóloga, desejava pesquisar a Amazônia brasileira. Ela não acreditava que as terras úmidas tropicais fossem uma barreira para o desenvolvimento cultural, como defendia Meggers, determinista ambiental. Roosevelt decidiu iniciar a pesquisa em acervos, coleções e museus, pois a situação política do Brasil não favorecia a concessão de vistos a pesquisadores estrangeiros. Ela obteve uma bolsa do governo americano em 1981 e pôde, assim, dedicar-se, até 1992, a esse gênero de pesquisa. Através da leitura de Helen Palmatary, descobriu a obra de Hartt. Passou, então, a procurar seus escritos nos arquivos, suas publicações e coleções. Hartt tratava de uma fase de ocupação humana, pós-glacial, na região do Baixo Amazonas que não costumava ser tratada pela arqueologia moderna. Roosevelt localizou as coleções organizadas por ele em Tapeirinha – tanto em Harvard quanto em Cornell – e conseguiu datar as cerâmicas, que recuaram a 6000 anos – na época, não havia data mais antiga do que essa para a cerâmica no Novo Mundo.

Uma das descobertas mais surpreendentes de Roosevelt ainda estaria por vir. Ela sabia que Hartt estava preparando um livro intitulado *Brazilian Antiquities*, sobre os achados arqueológicos no Baixo Amazonas, desaparecido após sua morte. No *Peabody Museum*, ela aceita a sugestão do curador e consulta os *x-files*:

Eles acabaram por ser uma série de registros não publicados associados a cada objeto de coleção no museu. Quando aqueles associados à coleção Hartt foram trazidos a mim em uma grande, amassada bandeja, em meio a ela, havia uma alta pilha de páginas pautadas amarelas cuidadosamente amarradas com aqueles cordões rosa de bibliotecários. Tão logo vi a pilha de páginas amarelas, soube que deveria ser o livro de Hartt há muito perdido. Ele deve ter sido enviado por seu aluno, Orville Derby, ao *Peabody* do

that the strongly theoretical views and the scientism of archaeologists from the mid-twentieth century severely restricted their sensitivity to the sources.⁴¹

In the sentence which concludes the text, Roosevelt symbolically mourn the loss of the glass-plate photographs collection that Hartt had ordered for the Geological Survey of the Empire. In two later articles, *New Information from Old Collections. The Interface of Science and Systematic Collections*, and *A historical memoir of archaeological research in Brazil (1981-2007)*, Roosevelt will describe in detail how she learned about Hartt's work.

In 1981, still a young archaeologist, Roosevelt wanted to search the Brazilian Amazon. She did not believe that the tropical wetlands were in fact a barrier to cultural development, as advocated Meggers, an environmental determinist. Roosevelt decided to start searching in archives, museums and collections because the political situation in Brazil did not favor the granting of visas to foreign researchers. She obtained a grant from the U.S. government in 1981 and was thus able to devote himself until 1992 to this kind of research. By reading Helen Palmatary, Roosevelt discovered Hartt's work. Then she began to search his writings in the archives, his publications and collections. Hartt studied a phase of human occupation, post-glacial, in the Lower Amazon that had seldom been treated by modern archaeology. Roosevelt tracked the collections made by Hartt in Tapeirinha both in Harvard and Cornell and succeeded in dating the pottery, which fell to 6,000 years – at this time there were not earlier date than that for ceramics in the new world.

One of the most surprising findings of Roosevelt is still to come. She knew Hartt was preparing a book entitled *Brazilian Antiquities*, about the archeological findings on the Lower Amazon, who disappeared after his death. In the *Peabody Museum*, she accepts the curator's suggestion and consulted the "x-files":

They turned out to be the series of unpublished paper records associated with each object collection in the museum. When those for the Hartt collection were brought out to me in a large, battered tray, in their midst was a tall stack of yellow-lined, legal pages tied neatly up with one of those librarians' pink tape cords. As soon as I saw the pile of yellow pages, I knew they must be Hartt's long-lost book. It had been sent by his student, Orville Derby, to the

⁴¹ ROOSEVELT, Anna C. Op. cit., p. 85.

⁴¹ ROOSEVELT, 1998, p. 85.

Peabody from Brazil upon Hartt's untimely death in his 30s from Yellow Fever, but for some reason Harvard had never published it, and its presence in the collection remained unknown to the outside world.⁴²

Roosevelt consulted the manuscripts of the disappeared Hartt's book, and adding to the information obtained in them the dating of the pottery collected by Hartt, she could produce a series of excavation projects in the region of Santarém and Monte Alegre, and has conducted research in the Lower Amazon between 1985 and 1993.

Roosevelt goes after the appointment of Hartt and Alfred Russell Wallace on parietal art in Monte Alegre, Pará. She located then the Caverna da Pedra Pintada, who found intact, with more than 30,000 stone artifacts, and with a timing that varies between 11,200 and 10,000 years. Moreover, in Tapeirinha she located, at the point predicted by Hartt, a site with shells, fish bones and pottery dating between 7100 and 6000 years. Hartt said that that site had been occupied by fishermen in the early Holocene. This hypothesis, according to Roosevelt, would signify that the site

not only contradicted 20th-century Americanist theories about the importance of agriculture based sedentism in the rise of pottery-making (as detailed in Barnett and Hoopes, 1995), but it also contradicted 20th century environmental determinist ideas that tropical forest resources were too poor to allow pre-agricultural settlement (Bailey *et al.*, 1989).⁴³

Roosevelt, verifying the dating of the site, has confirmed Hartt's hypothesis: it was really created in the Holocene, 11,000 or 12,000 years ago.

Courbin was right to insist on the idea that theories change, but facts, somehow, remain. The reputation of Charles Hartt, once lost, now rediscovered, owes his new life, who would say, to the exhaustive and "uninteresting" work diligently carried out in the hard establishment of facts establish by someone who was one of the first traditional archaeologists to work in Brazil, with few resources and without much hope of recognition.

⁴² ROOSEVELT, Anna Curtenius. "New Information from Old Collections. The Interface of Science and Systematic Collections". *Cultural Resource Management*. Washington, v. 23, n. 5, p. 25-30, mai. 2000, p. 26.

⁴³ ROOSEVELT, Anna Curtenius. A historical memoir of archaeological research in Brazil (1981-2007). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*. Belém, v. 4, n. 1, jan.-abr. 2009, p. 161.

Brasil, após a precoce morte de Hartt, ainda na casa dos trinta anos, de febre amarela, mas por alguma razão, Harvard nunca o publicou, e sua presença na coleção permaneceu desconhecida para o mundo exterior.⁴²

Roosevelt consultou os manuscritos de Hartt e, somando às informações neles obtidas a datação das cerâmicas coletadas por Hartt, pôde elaborar uma série de projetos de escavação na região de Santarém e Monte Alegre; realizou pesquisas no Baixo Amazonas entre 1985 e 1993. Ela vai igualmente atrás da indicação de Hartt e Alfred Russell Wallace sobre a arte parietal em Monte Alegre, no Pará. Localiza então a Caverna da Pedra Pintada, que encontrou intacta, com mais de 30.000 artefatos de pedra e com uma datação que oscila entre 11.200 e 10.000 anos. Além disso, localizou em Tapeirinha, no ponto previsto por Hartt, um sítio com conchas, espinhas de peixe e cerâmica, datado entre 7.100 e 6.000 anos. Hartt indicou que esse sítio teria sido ocupado por pescadores no começo do Holoceno. Essa hipótese, segundo Roosevelt,

não apenas contraria as teorias americanistas do século XX sobre a importância da agricultura baseada no sedentarismo para o surgimento da cerâmica (como detalhado em Barnett e Hoopes, 1995), mas também contradiz as ideias do determinismo ambiental do século XX, segundo as quais os recursos da floresta tropical eram pobres demais para permitir a ocupação pré-agricultural (Bailey *et al.*, 1989).⁴³

Ela verificou o sítio e confirmou a hipótese de Hartt: ele fora mesmo criado no Holoceno, há 11.000 ou 12.000 anos.

Courbin tinha razão ao insistir na ideia de que as teorias mudam, mas os fatos, de alguma maneira, permanecem. Outrora perdido e agora recuperado, o prestígio de Charles Hartt – um dos primeiros arqueólogos tradicionais a atuar no Brasil, com poucos recursos e sem muita esperança de reconhecimento – deve seu novo fôlego, quem diria, ao exaustivo e desinteressante trabalho diligentemente realizado no duro estabelecimento dos fatos.

⁴² ROOSEVELT, Anna Curtenius. New Information from Old Collections. The Interface of Science and Systematic Collections. *Cultural Resource Management*. Washington, v. 23, n. 5, p. 25-30, mai. 2000, p. 26.

⁴³ ROOSEVELT, Anna Curtenius. A historical memoir of archaeological research in Brazil (1981-2007). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*. Belém, v. 4, n. 1, jan.-abr. 2009, p. 161.